

O Brasil contado a partir do humor: histórias sob o olhar de Regina Casé e Paulo Vieira¹

Samira Adriano Reis²

Fernanda Mauricio da Silva³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

RESUMO

O presente artigo se propõe a uma análise de dois quadros exibidos no programa Fantástico, da Rede Globo, que caminham sob a veste do infotimento, com atores na condução das reportagens. De um lado, temos o Na geral (1994), com a atriz Regina Casé. O episódio a ser observado é o de estreia, onde o público é apresentado ao ritmo Mangue Beat, tendo como referências Chico Science e Nação Zumbi, diretamente de Pernambuco. No comparativo, temos o Avisa lá que eu vou (2023), apresentado pelo ator e humorista Paulo Vieira. O episódio em questão é sobre as Irmãs da Boa Morte, em Cachoeira, no recôncavo baiano. É de interesse ver sobre a performance desses atores-repórteres no que diz respeito à linguagem, interação, o figurino, se há alguma dramatização feita por eles. Quanto à edição, serão observadas a trilha sonora, a inserção de elementos gráficos, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: televisão, infotimento, jornalismo, humor.

FANTÁSTICO - O SHOW DA VIDA

O Fantástico - O Show da Vida mescla jornalismo e entretenimento ou infotimento desde sua fundação em 1973. O programa dominical traz matérias

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa 16 (GP Televisão e Televisualidades) do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG, bolsista pelo CNPq, email: samirareis8@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, professora do curso de Jornalismo e do Programa em Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, email: fernandamauricio@gmail.com.

jornalísticas, juntamente com atrações musicais, da dramaturgia, do humor. No comparativo com o Jornal Nacional, um dos telejornais de maior longevidade e carro-chefe da Rede Globo, é um programa que se reconfigura com maior frequência. Também chamado de revista eletrônica semanal, a nomenclatura do programa foi a junção de duas sugestões, enquanto a atração era concebida. Na fala de Boni, diretor executivo de 1967 a 1997 “O Fantástico nasceu num momento em que considerei dar mais um salto na qualidade da TV Globo. Imagine um programa magazine, tipo mosaico, com jornalismo, com entretenimento, humor, dramaturgia, reportagens internacionais. É o primeiro magazine do mundo⁴.”

A primeira edição da revista eletrônica demonstrou o tom a ser seguido dali em diante. Matérias sobre saúde, entrevistas, encenações a fim de homenagear artistas consagrados e o humor, viabilizado por meio de um monólogo. Para fechar, um texto foi lido pelo jornalista Cid Moreira. No que tange a apresentação, o jornalista Sérgio Chapelin foi a voz do programa durante um período. Posteriormente, o espaço foi ocupado por outros profissionais da comunicação, assim como artistas da emissora, geralmente em duplas. No fim da década de 80, iniciava-se a exibição ao vivo, com alguns conteúdos gravados. A audiência acompanha uma variedade de conteúdos e inovações tecnológicas.

Nota-se que ao Fantástico pode ser atribuída a alcunha de laboratório da TV Globo. O programa se reinventa continuamente, a começar pela estrutura física. Os apresentadores utilizavam bancada no estúdio, inicialmente. Depois, passaram a ficar de pé e em alguns momentos circulam pelo espaço. O fazer jornalístico é desmembrado em matérias, reportagens especiais e entrevistas, com ar de exclusividade. A música é mais uma temática presente no programa. Eram comuns os musicais, com o/a cantor (a) em questão, dançarinos, banda, dispostos em um aparato cênico no estúdio. Entre cenários físicos até os recriados virtualmente, a pauta musical permanece, principalmente para lançamentos. Em suma, a arte é um dos pilares do O Show da Vida. A abertura do

⁴ Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/historia/> Acesso em: 10 de ago 2023.

dominical exprime isso, com a performance de bailarinos, figurino, ao som da música tema.

Aqueles que estão à frente do programa também dialogam com a audiência por meio de elementos estéticos. O figurino conta com cores quentes e estampas. A maquiagem é inserida de forma mais evidente. A presença desses corpos comunica sobre uma semana que se inicia e que pode ser alegre, proveitosa, sem deixar de ser informativa. Se no Jornal Nacional, os apresentadores tem como aparato a bancada e permanecem sentados em boa parte da exibição, no Fantástico fica a menção de um programa em movimento, com características do telejornalismo, mas sem se prender a este formato.

A estrutura do Fantástico pode ser compreendida a partir de um mapeamento realizado pela pesquisadora Luana Gomes (2011), ao analisar a revista eletrônica. São elencados três temas, sendo eles: “(...) a exploração de personagens fantásticos, a autorreflexividade e o cotidiano tratado, sobretudo, em quadros fixos por tempo irregular” (GOMES, 2011, p.270). Para a autora, essa tríade compõe “(...) os principais valores-notícia” (GOMES, 2011, p.270) deste que também é chamado de painel dinâmico. Sobre personagens fantásticos, não seria inoportuno dizer que a construção destes conteúdos flertam com o tablóide. Um exemplo foi a matéria da jornalista Carolina Cimentí⁵, onde acompanhou um empresário americano de 45 anos em busca da redução de idade, para 18 anos. O morador de Los Angeles, Califórnia, faz parte de um experimento, com monitoramento diário, alimentação regrada e exercícios físicos todos os dias da semana a fim de viver a juventude.

A autorreflexividade está no cerne da revista eletrônica, que fala de si e da emissora. Podemos citar o lançamento de uma telenovela. Gomes (2011) reitera a necessidade de um conhecimento prévio da audiência sobre a programação do canal, para que faça sentido. E por fim, temos os quadros, recurso fortemente presente na

⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/03/20/americano-monta-clinica-em-casa-para-projeto-de-rejuvenescimento-laser-no-corpo-todo.ghtml>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

revista eletrônica, voltados para o humor ou situações do dia a dia. Outro ponto a ser mencionado diz respeito ao factual no telejornalismo diário e neste formato semanal. Os jornais diários lidam com os acontecimentos do dia, a instantaneidade. No Fantástico, existe a cobertura da notícia da hora, a entrada do jornalista ao vivo. Todavia, há uma ampliação de outros conteúdos e formas de apresentá-lo para propiciar uma experiência diferenciada à audiência no consumo da informação. Gomes (2011) nos diz que “(...) O sentido de novidade, aqui, não é presentificado como nos jornais televisivos, mas baseado no ineditismo e na exclusividade. É esse sentido temporal que se aplica à maioria das entrevistas trazidas.” (GOMES, 2011, p.276-277).

O Fantástico mostra que o jornalismo exercita práticas, atualizadas de acordo com as temporalidades. Ainda que a instituição se autolegitime com um discurso da seriedade, a presença do fazer jornalístico popular demonstra as contradições deste campo. Nas colocações de Juliana Gutmann, “(...) a grande lacuna entre a realidade do jornalismo e sua autoapresentação oficial revela o quanto o status desse múltiplo e vasto “resíduo” de categoria é indeterminado” (GUTMANN, 2014, p. 54).

Tomando essas características como marcas que configuram a identidade do programa ao longo de sua história, este artigo pretende refletir sobre dois quadros do Fantástico separados no tempo por quase três décadas, mas que se assemelham em sua estrutura: Na Geral (1994) e Avisa lá que eu vou (2023). Os quadros, apresentados respectivamente pela atriz Regina Casé e pelo ator Paulo Vieira, se assemelham em sua forma e reconfiguram as práticas reconhecidas da entrevista jornalística por estabelecer a informalidade e o humor como estratégias para a captura da audiência ao mesmo tempo em que produzem informação.

O INFOTENIMENTO NA TELEVISÃO

O telejornalismo ocupa uma parte considerável na grade da Rede Globo de Televisão. São em média dez telejornais e programas jornalísticos, mais da metade

transmitidos por todo o território nacional⁶. A programação Global incorpora o infotenimento na vastidão de opções. A grosso modo, o infotenimento vem para definir produtos que mesclam entretenimento e informação. Todavia, conteúdos midiáticos voltados para este estilo são, muitas vezes, considerados inferiores. Por se tratar de algo ligado à descontração, é atribuída uma perda de credibilidade quando este recurso é acionado.

O infotenimento nos coloca a refletir sobre os recursos utilizados pelo telejornalismo, uma vez que, além do fato em si, temos as imagens, a narração, a edição, efeitos sonoros, para captar a audiência. A colocação de Gutmann nos mostra que “(...) Esse pressuposto evoca a necessidade de repensar a tão enraizada oposição valorativa entre informação e entretenimento de modo a problematizar a própria concepção do jornalismo moderno, amparada nos ideais iluministas do homem livre e racional.” (GUTMANN, 2008, p.03). A invalidação por completo de um programa no estilo *infotainment* nos tira enquanto pesquisadores da comunicação, a oportunidade de compreender como funcionam essas produções e ainda, como o jornalismo é inserido neste espaço.

Na perspectiva de Itania Gomes (2009), o infotenimento se torna uma discussão de interesse tanto daqueles que observam a comunicação e a política enquanto formadora de opinião, participação no processo democrático, quanto da comunicação com olhar para o jornalismo e a partir disso, a posição dos conglomerados midiáticos diante das transformações econômicas e tecnológicas e o impacto na transmissão da informação (GOMES, 2009, p.196). O infotenimento ganha força com a consolidação do sistema capitalista, onde o lucro é um dos balizadores. Portanto, mais do que um elemento definidor de um tipo de conteúdo, o *infotainment* pode ser visto como um sistema implantado para expansão de produtos e ganhos, onde:

⁶ Se refere aos telejornais e programas jornalísticos da emissora sede. Há produções nas emissoras próprias (Globo São Paulo, Globo Minas, etc.) e afiliadas. Disponível em: http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g_conteudo_jornalismo/0..0.00.html
Acesso em: 19 de jan. 2023

O infotainment seria, então, o resultado desse cenário global. Nos anos 80 e 90 do século XX, a consolidação de grandes conglomerados da mídia, que se ocupam ao mesmo tempo da produção de entretenimento e de informação, a cada vez mais alta exigência de audiência e de lucro na indústria da cultura e a transmissão televisiva da primeira guerra do Golfo, evidenciaram o estreitamento entre informação e entretenimento. (GOMES, 2009, p.202).

O *infotainment* é constante na televisão como estratégia diante da concorrência. Segue também como recurso diante das mídias digitais *online*, que se mantém, basicamente nesse sentido. Para prosseguir, façamos um recorte sobre entretenimento, que, de acordo com Gomes (2009) “(...) é um valor das sociedades ocidentais contemporâneas que se organiza como indústria e se traduz por um conjunto de estratégias para atrair a atenção de seus consumidores”. (GOMES, 2009, p.204).

E nesta indústria midiática, entreter é uma condição praticamente essencial para a existência. Sejam programas de entrevistas, telejornais, gincanas, *reality shows*, revista eletrônica, etc, haverá quesitos convincentes para a permanência da audiência. Afinal, temos um público cada vez mais participativo e operante em produções autônomas, veiculadas em plataformas digitais onde o ver o ser visto é a tônica. Ainda assim, como nos lembra Gomes (2009), quando se trata do entretenimento na comunicação, há a visão de um conteúdo empobrecido, pois (...) contrapõe-se a arte e cultura, contrapõe-se a filosofia, a conhecimento, a verdade, contrapõe-se a jornalismo...” (GOMES, 2009, p.203).

O infotainment acaba por emaranhar nas idealizações sobre jornalismo tablóide e o sensacionalismo, no que diz respeito a despertar sensações. Visto de forma inferiorizada pois, há o engessamento de que informar a população deva ser feito do ponto de vista da seriedade e objetividade. Que, por sua vez, são valores relevantes e também são componentes do *infotainment*. A televisão é um retrato do infotainment; está nas raízes deste meio de comunicação onde um dos pilares é entreter. Toby Miller (2009) fala em um dos artigos produzidos sobre esse êxtase e o temor da sociedade quanto ao que viria ser a televisão. O estabelecimento em território norte-americano e pelo mundo mostrou as potencialidades e também as mais variadas críticas dirigidas ao poder daquele transmissor de som e imagem. Miller cita “(...) desde sua origem, a TV

tem sido, acima de tudo, um meio de enriquecer e legitimar os seus controladores, e de entreter e civilizar os telespectadores.” (MILLER, 2009, p.10).

Entre elaborações que nos levam a entender que é o *infotainment*, a percebê-lo fortemente nos meios de comunicação, especificamente na televisão, a tendência é irmos para o caminho do bom ou ruim. Se assim fosse, poderíamos encerrar o debate. Não se trata de algo tão simples. O infotenimento diz mais de uma estratégia empresarial para angariar mais pessoas e conseqüentemente publicidade, logo, o lucro. Une gêneros particulares que fazem parte do guarda-chuva gênero televisivo. Temos então um “embaralhamento de fronteiras” (GOMES, 2009) entre informação e entretenimento.

Podemos questionar se existe um lugar ao qual o infotenimento possa pertencer. Na avaliação de Gomes (2009), a constatação é de um não-gênero, que abarca conteúdos da televisão não reconhecidos socialmente (GOMES, 2009, p.209). A autora ainda complementa sobre o *infotainment* produzir novos gêneros, mas não ser um em si. Na sequência, há dois aspectos a serem levados em conta. O infotenimento como recurso televisivo e concordamos com essa afirmação, nos remete ao que Gomes comenta sobre “(...) o infotainment potencializa a criatividade e não interdita a qualidade”. (GOMES, 2009, p.210). O Fantástico consegue transitar entre produções jornalísticas elaboradas, sem deixar de lado o cuidado estético, de pesquisa, filmagem, edição e veiculação das demais atrações. Outra observação é do *infotainment* como uma tendência da televisão (GOMES, 2009, p.220). É quase impensável dissociar a programação televisiva da junção informação e entretenimento, principalmente com uma audiência que se articula com outros meios e plataformas para o consumo e produção.

Segundo Fernanda Mauricio da Silva (2023), entretenimento e jornalismo possuem diferenças e peculiaridades e podem ser analisadas quando trabalham conjuntamente. Silva ressalta ainda sobre o entretenimento de forma que há “dois sentidos predominantes sobre o entretenimento que se colocam em permanente disputa: de um lado, uma dimensão cuja ênfase se coloca no divertimento como distração, de

outro, o entretenimento como valor que indica formas de consumo em que os sujeitos se envolvem com os produtos enquanto se distraem” (SILVA, 2023, p.101)

ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Nosso objeto transita entre duas produções em períodos distintos. O Na Geral, apresentado por Regina Casé, em 1994 e o Avisa lá que eu vou em, conduzido por Paulo Vieira em 2023. Ambos são quadros dentro da revista eletrônica Fantástico e falam de curiosidades sobre regiões do Brasil fora do eixo sul-sudeste. Por se tratarem de atores à frente dessas produções, optamos em alguns momentos por chamá-los de ator-repórter/atriz-repórter.

Procuramos nesta análise olhar desde a abertura, a edição e como cada reportagem foi contada, a fim de observarmos as estratégias empregadas pelos mediadores para mesclar informação e entretenimento. As produções têm cerca de sete minutos e são articuladas de forma mais livre, tanto na linguagem, como na estrutura do material. Como exemplo, não há *off*. O detalhamento foi realizado separadamente pela ordem cronológica. Há de se considerar também o tempo-espaço em que essas atrações estão situadas.

Em meados da década de 90, entre transformações sociais e culturais, o Brasil acompanhava a renúncia do então presidente Fernando Collor de Mello, envolvido em casos de corrupção. Outra marca histórica no país é o estabelecimento de uma nova moeda, o real. Em 2023 não só os brasileiros, mas o mundo retomam a uma “normalidade” após a pandemia do Covid-19. Também é um período onde discursos extremistas são disseminados em maior velocidade, ao mesmo tempo em que a diversidade, o combate ao racismo, a homofobia, a intolerância religiosa ganham mais espaços para discussões.

Na Geral

O Na geral fez parte da grade do Fantástico, entre abril e outubro de 1994. Segundo o site Memória Globo, o quadro foi uma espécie de prévia do Brasil Legal, que estreou naquele mesmo ano, e tinha como objetivo “tratar de assuntos aparentemente díspares, e muitas vezes complexos, com uma linguagem leve e divertida⁷”. O episódio a ser discutido é o de estreia, onde Regina Casé apresenta Chico Science e o Nação Zumbi, o mangue beat, uma mistura de ritmos regionais e a vida de quem vive do mangue. A ideia é abordar o aspecto musical de forma mais contextualizada, a partir do modo de vida daquela população. Após a cabeça lida pela apresentadora Sandra Annemberg⁸, o quadro exibe uma abertura que conta com uma trilha sonora animada, enquanto mostra Regina Casé vestida com uma roupa xadrez amarela, um chapéu preto grande e óculos escuros, em um estúdio com *croma key* ao fundo. Ela olha para os lados e uma animação projeta objetos variados que circulam na frente da atriz. Logo, ela ergue as duas mãos e “puxa” o nome do quadro.

Regina Casé é reconhecida pela audiência pelo programa de humor TV Pirata, além de participar de telenovelas e conduzir diversos programas de auditório, sempre buscando dar centralidade à cultura das periferias. Entre as personagens de maior destaque na televisão estão Tina Pepper, da novela Cambalacho (1986) e dona Lourdes em Amor de mãe (2019). No cinema, o premiado Que horas ela volta? mostrou Casé no papel de Val, pernambucana que se muda para São Paulo em busca de uma vida melhor para a filha. Além do Brasil, o filme foi exibido na Europa e Estados Unidos. Ainda na Rede Globo, ocupou as tardes de domingo com o programa Esquenta!, com visibilidade à produção cultural das favelas.

Após a abertura, vemos pessoas cobertas de lama. De baixo para cima, Regina aparece, também coberta pela lama como se fosse uma bailarina da abertura do Fantástico. Ela cita os benefícios da lama e da importância na história da humanidade. Na sequência, temos a imagem de Chico Science de óculos escuros, blusa colorida e chapéu. Ele canta “Da lama ao caos”. Logo, vemos Regina, acompanhada de um

⁷ Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/quadros/noticia/na-geral-com-regina-case.ghml>, acesso em 15 ago. 2023.

⁸ Cabeça é o termo do telejornalismo dado ao o texto lido pelo apresentador que antecede a entrada da matéria ou reportagem.

entrevistado. O morador fala da importância do manguezal para a natureza e a população, enquanto caminham na água.

Nesse local, Casé também conhece a toca do caranguejo. Ela se aproxima de alguns, ao mesmo tempo em que se assusta. Pergunta então a dona Flora, uma moradora local, sobre como pegar o caranguejo, que mostra o processo. A linguagem da atriz-repórter é coloquial e descontraída. Com outro figurino, Casé conversa com o cantor Chico Science, filmado em alguns momentos em plano fechado. O corte seguinte mostra a imagem de Regina numa espécie de tela do computador. Aqui, ela está com uma outra vestimenta, cabelos divididos ao meio e preso. Ela filosofa sobre questões que envolvem a ciência e a física e assume um tom que é ao mesmo tempo descontraído e professoral, enquanto afirma: “nesse programa eu quero que todo mundo entenda tudo direitinho”. Sua fala é interrompida pela inserção de um gancho, que retira essa tela de computador. A imagem que segue mostra dona Flora no preparo do caranguejo, sendo observada e questionada pela atriz-repórter. Novamente, temos o som do manguebeat com Science. A cena a seguir traz Regina novamente na lama. Rapidamente, temos a imagem de Casé dançando com Science, que fala da importância do resgate dos ritmos regionais. O quadro é encerrado com Regina indo de barco com os moradores da região.

Nessa produção, não há *offs*, onde o repórter grava falas a serem cobertas com imagens relacionadas ao assunto. A história é contada a partir das falas de Regina, dos entrevistados e das imagens. Os cortes são secos e não há legendas com informações adicionais. A edição fez uso de animações para simular a tela de um computador que se move na tela da TV. Podemos citar também a linguagem despreziosa da atriz com os personagens, a exemplo do início da reportagem em que ela pergunta a um morador: “Há quanto tempo você não tira o pé da lama?. Além disso, existe o interesse em participar da rotina do indivíduo. Mais do que isso, usar a vestimenta comum daquele lugar, como no momento em que Casé está na casa de dona Flora, no preparo do caranguejo. Ela está de vestido claro, com estampas miúdas e cabelo solto, semelhante a roupa da moradora, projetando seu corpo para uma relação de proximidade que lhe permite fazer perguntas como: “seus filhos têm todos o mesmo pai?”, “qual o maior pecado que você já cometeu?”.

Cabe dizer que o quadro valoriza esses moradores e o lugar, por vezes estigmatizados no recorte da pobreza, da fome, sem olhar para outras perspectivas ali existentes. Regina nos apresenta um ritmo musical que une vários movimentos locais fora do eixo sul-sudeste. É uma comunidade que vive do mangue vista de outro ângulo; onde a simplicidade também produz riquezas materiais e simbólicas. O humor, marca de Regina Casé, é impresso nessa reportagem na leveza em que conduz a história, o olhar expressivo, a sutileza em ser uma atriz e uma repórter de forma harmônica.

Avisa lá que eu vou

Um salto de três décadas e o mesmo objetivo: falar sobre as curiosidades de um Brasil pouco conhecido. O quadro Avisa lá que eu vou é um programa do GNT, canal do Grupo Globo, apresentado pelo ator e comediante Paulo Vieira. No entanto, possui uma versão compacta para o Fantástico, de interesse para este artigo. Vieira cresceu em Palmas, no Tocantins, onde começou no teatro. Tem trajetória no *stand up comedy* e reconhecimento em premiações de humor. Na televisão, fez parte do Programa do Porchat, à época na Rede Record com o quadro Emergente como a gente, onde interpretava a própria mãe em situações rotineiras de uma família simples. Já na Rede Globo, fez parte da Escolinha do Professor Raimundo, Tá no ar: A Tv na Tv e segue no Big Terapia, onde entrevista eliminados do reality show Big Brother Brasil.

Neste episódio, a visita é em Cachoeira, na Bahia. Na abertura do quadro, ele vem na caçamba de um caminhão. O veículo para em um local cercado de mato e montanhas. Paulo carrega uma mala e olha de um lado para o outro, enquanto o nome do quadro surge atrás. Imagens do alto acompanham Vieira na próxima parada. Ele está na frente de um casarão, coloca a mala ao lado e conta sobre a história do dia. O figurino, assim como o de Regina Casé, foge do usual do que vemos no telejornalismo diário. Ele está de *short* e *blazer* brancos com estampa colorida e uma blusa branca por baixo do *blazer*. O texto é bem humorado, juntamente com a expressão de tranquilidade do comediante. Na sequência, uma trilha sonora indica um samba, enquanto imagens da

cidade são mostradas do alto. A cena a seguir mostra Paulo sentado em um banco, de frente para as Irmãs da Boa Morte, que usam vestimentas brancas, turbante na cabeça e colares. A sede das Irmãs da Boa Morte é o plano de fundo da entrevista.

O humorista questiona sobre a história de Nossa Senhora da Boa Morte, tradição mantida pelas religiosas. Segundo as Irmãs, o surgimento vem dos tempos da escravidão no Brasil, dentro das senzalas, uma vez que os negros escravizados não tinham ritual digno quando morriam. Sendo as Irmãs religiosas de matriz africana, Paulo também usa calça e camisa branca, com uma blusa verde numa espécie de respeito a devoção das entrevistadas e reafirma uma relação de proximidade quando convoca sua própria história de vida, já que sua bisavó também morou em Cachoeira. O ator-repórter também reivindica um lugar de autoridade e exclusividade, valores caros ao jornalismo, uma vez que na abertura do quadro ele simula um diálogo em mensagem de texto e diz que elas são muito reclusas e não costumam gravar entrevistas. Aqui notamos uma aproximação entre as estratégias do humor e do jornalismo convergindo para trazer informação sobre um fenômeno pouco conhecido nacionalmente.

A transição de cena tem novamente uma trilha no ritmo de samba, onde conhecemos mais um convidado, Valmir. Ele também fala sobre a Irmandade da Boa Morte, considerado um movimento abolicionista feminista na Bahia. Em seguida, o sobe som é uma trilha com ritmos de tambor. O personagem da vez é Ananias, com informações sobre a função do quilombo e a importância histórica para a população negra brasileira. Eles conversam na área externa de uma casa, cercada de grama e árvores. A edição retoma com as imagens de Vieira em conversa com as irmãs. No canto inferior direito da tela, aparece uma mensagem, como se fosse de um aplicativo de conversa, com a foto de Paulo e a frase “Não largo nunca mais as Irmãs da Boa Morte”. Neste momento da entrevista, há um trecho que reverberou pela internet e o tornou ainda mais conhecido. Uma das Irmãs exemplifica uma situação e diz “*Eu sou negra*” e aponta para Paulo “Você é branco”. Ele se espanta e logo diz “Eu não!” Todos riem e ela afirma ser um exemplo. Esse recorte circulou nas redes sociais *online* visto como um meme, o que acabou por tornar o episódio ainda mais conhecido. No período de

exibição do Na Geral, não se discutia sobre memes, sendo a divulgação pela TV e possivelmente mídia impressa a forma de chamar a atenção da audiência.

Novamente, temos a inserção de uma mensagem de aplicativo, com uma informação adicional sobre o entrevistado Ananias. O público é informado que ele lidera o quilombo Kaonge. O Kaonge, segundo Ananias, possui moeda própria, o Sururu. A trilha da vez é em ritmo de forró, com mais imagens de Cachoeira, do alto. Neste quilombo há a festa da ostra. Para participar dessa festividade, Paulo Vieira propõe ser o mascote, sendo aprovado por Ananias. Uma roda de pessoas o aguarda, enquanto ele entra vestido de ostra. A reportagem termina com Paulo dançando com os demais ao som de tambores.

Assim como no Na Geral, o Avisa lá que eu vou não tem *offs*. A história é contada por meio das imagens, do ator e dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas ao ar livre, à luz do dia. Outro ponto a ser levado em conta diz respeito a trilha sonora. Tem o papel de transição entre as entrevistas e tem a ver com a musicalidade local. E ainda, as transformações tecnológicas que variam de um quadro para o outro. Além da qualidade das câmeras e da imagem, na reportagem apresentada por Paulo Vieira temos a inserção de outros meios de comunicação no vídeo, no caso em questão, as mensagens que simulam aplicativo de conversa. Não menos importante, o episódio conta sobre praticantes de religiões de matriz africana que preservam a espiritualidade, os saberes ancestrais, a experiência de quilombamento da população negra. Uma maneira de dar visibilidade a trajetórias que exaltam a riqueza dos afro-brasileiros.

CONCLUSÃO

As produções escolhidas mostraram cidades situadas no nordeste brasileiro com vivências que dizem não só de uma cultura local, são importantes na compreensão da história do país. São produções que saem do eixo sul-sudeste e dão visibilidade a outros personagens e territórios. Tais conteúdos mostram um outro lado desses espaços

marcados no imaginário social pela pobreza, a seca, a fome, o analfabetismo. Os meios de comunicação, neste caso, a TV, tem influência nessa imagem que delimita os espaços de onde há civilidade, progresso, do arcaico e do subdesenvolvido. Existem problemas de ordem estrutural, entretanto, a composição das cidades e estados possui outros retratos disponíveis a serem vistos.

Nesse sentido, a escolha dos repórteres ou atores-repórteres, definição escolhida para este artigo, precisa gerar identificação com o público. Regina Casé tem na trajetória diversos trabalhos em que dialoga com um Brasil pouco mostrado. Paulo Vieira teve uma infância simples no norte brasileiro e ganhou notoriedade midiática ao trazer esse cotidiano para a televisão. Outro quesito semelhante entre eles é a distância do padrão estético imposto; em geral pessoas brancas, corpos magros, cabelos claros e lisos. Paulo é um homem preto, alto, gordo, com barba; Regina possui estatura mediana, usa roupas muitas vezes fora do senso comum e pouca ou nenhuma maquiagem. A experiência na comédia desses atores-repórteres tende a gerar uma maior aceitação entre os entrevistados e o público. O jornalismo profissional tem sofrido constantes ataques, principalmente com a ascensão da extrema direita. Assim, outras alternativas para falar com a audiência, cada vez mais consumidora e produtora, com acesso a outros meios midiáticos são bem vindos.

No que tange a edição do Na Geral e do Avisa lá que eu vou, percebe-se uma qualidade do áudio, das imagens, inserção de elementos gráficos e/ou sonoros para despertar maior interesse quanto a reportagem. Em ambos, há uma disposição em trazer um produto antenado com a tecnologia vigente. No entanto, no quadro mais recente, a disputa de atenção não se dá somente entre outros canais televisivos. A mídia televisiva tem a frente não só outros meios tradicionais. Concorre com os espaços *online*, com ampla oferta de conteúdos, onde profissionais e amadores, empresas e indivíduos mostram produções e narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Luana. **É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show.** In: GOMES, Itania. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo.** Salvador: EDUFBA, 2011. 284 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998.pdf#page=264>). Acesso em: 05 de jul 2023.

GOMES, Itania Maria Mota. **O infotainment e a cultura televisiva.** 2009. Disponível em: <http://tracc-ufba.com.br/wp-content/uploads/2016/10/TC-IG-05.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais/** Juliana Freire Gutmann - Salvador: EDUFBA. 2014. 346 p.

GUTMANN, Juliana. **Aspectos audiovisuais do infotainment: o CQC como propósito de análise.** Colóquio Internacional Televisão e Realidade, 21 a 24 de outubro 2008. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Grupo de Análise de Telejornalismo, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Ju%20Gutmann.pdf>. Acesso em: 20 de jul. 2023.

MILLER, T. IN: João Freire Filho (Org.); PURPER, V. O. **A televisão terminou, a televisão acabou, a televisão já era.** Porto Alegre: Sulina, 2009. (Tradução/Artigo). Disponível em: <https://media.tobymiller.org/images/espanol/A%20TV%20em%20trans%20NOTAS%20AJUSTADAS.pdf>. Acesso em: 10 de ago 2023.

SILVA, Fernanda Mauricio da. **Opostos que se traem ou faces da mesma moeda?** In: LEAL, Bruno Souza; MANNA, Nuno; TASSIS, Nicoli. Para desentender o jornalismo. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2023. 178 p. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/03/Para-desentender-o-jornalismo-Se-lo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 11 de jul 2023.

Na Geral. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/quadros/noticia/na-geral-com-regina-case.ghtml>. Acesso em: 05 de jul 2023.

Avisa lá que eu vou. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/06/04/avisa-la-que-eu-vou-paulo-vieira-visita-a-cidade-de-cachoeira-na-bahia.ghtml>. Acesso em: 05 de jul 2023.